

OSMAN DRAMATURGO



A VIDA COMO MISTÉRIO

THE LIFE AS A MYSTERY

Teresa Dias¹²⁶

Resumo: Osman Lins revelou inclinação para o mistério, em suas diversas acepções, ao longo de toda a sua carreira como escritor. Sua primeira peça teatral, *O vale sem sol*, é um exemplo de drama ligado a temas do universo religioso arcaico-popular, frequentemente marcado por eventos milagrosos. O mistério será ressignificado em suas obras posteriores, revelando reflexões do autor sobre o poder de criação da própria linguagem, num movimento metalinguístico. A peça *O vale sem sol* permaneceu desaparecida desde sua leitura dramática, em 1958. Redescoberta, contribui de modo significativo para a compreensão da poética do autor, de modo amplo, incluindo sua estreia como dramaturgo.

Palavras-chave: Osman Lins; dramaturgo; *O vale sem sol*; mistério, teatro.

Abstract: Throughout his literary productions, Osman Lins showed great preference for Mystery in its various meanings. His first play called *O vale sem sol* is an example of drama connected to the archaic catholic religion themes filled with miraculous events. However, more abstract forms will be given to Mystery in his future texts since metalanguage will be used as a resource in his creations. The play *O vale sem sol* had been long forgotten since its single dramatic reading in 1958. Now it is once again discovered and contributes significantly to a clearer understanding of Osman Lins' literary work, including his early production as dramatist.

Keywords: Osman Lins; playwright; *O Vale sem sol*; mystery; theater.

Enigmas escondem-se em vales escuros, tanto na vida quanto em grandes representações literárias. Alegorias, símbolos, metáforas, trazendo o que há de mais profundo no ser humano, atravessam a literatura de Osman Lins, desde o início de suas produções. Sua peça *O vale sem sol* (1958), primeira de que se tem notícia, por exemplo, escancara uma inclinação para o mistério, em sintonia com a fatia mais requintada de sua obra, produzida a partir da publicação de *Nove, novena*. Com a nova poética, o mistério irá adquirir por meta a própria linguagem, exaltando o sentido figurado das palavras. Nesse primeiro momento, contudo, compreende o mistério dentro do universo religioso

¹²⁶ Formou-se em Letras na Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da USP, onde concluiu seu doutoramento em Teoria Literária e Literatura Comparada em 2004. Atualmente é professora de Literatura no Ensino Médio, no Colégio Vital Brazil, no Butantã, em São Paulo. E-mail: mteresajdias@gmail.com.

arcaico, marcado pela fé na santidade e em milagres. Independentemente de entendermos mistério como enigma ou dogma, como peça do teatro medieval, inspirada em assuntos religiosos, como conjunto de orações do rosário, quaisquer das acepções surgem, de algum modo, nas produções literárias do autor, da prosa narrativa à dramaturgia, do início ao fim.

O vale sem sol desapareceu de cena, nunca foi analisado e possivelmente nunca mais foi lido. O conhecimento do drama restringiu-se ao círculo de amigos e leitores da ocasião, incluindo os atores que atuaram na leitura pública da peça, no Teatro Santa Isabel, em Recife, em 1958. (IGEL, 1988, p. 11). No momento atual, em que estudos em torno do conjunto da obra de Osman Lins se avolumam, revelando, cada vez mais, a amplitude de significados e as inúmeras referências de seus textos, a peça volta à luz, de um modo igualmente misterioso, para contribuir com a dramaturgia do autor que, desde sua gênese, revela temas e perspectivas ligadas à cultura popular e religiosidade nordestina.

A súbita aparição da peça em minhas mãos foi uma surpresa bem-vinda, um mistério da vida. Portanto, antes de adentrar sua apresentação propriamente dita, peço licença para uma breve digressão sobre seu retorno à cena, além de apresentar minha homenagem a seu possível portador.

Apenas agora, em 2020, enquanto pesquisava o material de que dispunha sobre Osman Lins para a comunicação “Osman Dramaturgo”, no *V Encontro de Literatura Osmania*, e a poeira dos papéis guardados ascendia pelo cômodo, uma cópia de *O vale sem sol* ergueu-se diante de mim. Não compreendi por que não me dei conta de sua existência até essa data, considerando-se, especialmente, que meu doutoramento versou sobre a dramaturgia do autor. O mistério sugerido pela ausência do sol, no título, estendeu-se ao próprio texto, transmutando-o em personagem errante de um mundo acidentado. Minha hipótese – que tomo como verdade a partir deste momento – é que quem me enviou a peça, há anos, foi o finado Senhor Lauro de Oliveira, amigo pessoal de Osman Lins e divulgador incansável de sua obra.

Lauro é personagem indispensável na biografia de Osman Lins. A amizade entre eles iniciou-se no Banco do Brasil, na década de 50, quando, durante anos,

trabalharam juntos, no mesmo setor. A partir de então, sempre mantiveram contato, dialogando com regularidade sobre a literatura do escritor, em plena construção, ao longo de todo o percurso de sua criação poética, até a última obra. No artigo “Osman Lins: morte e sobrevivência” (SUPLEMENTO CULTURAL, 2003, p.12), Lauro conta que, como leitor e admirador de Osman Lins, acompanhou de perto a impressionante trajetória literária do amigo, construída com absoluta determinação, passo a passo, até o lugar de indiscutível importância na história literária do país.

Conheci Lauro de Oliveira pessoalmente, por meio da Professora Sandra Nitritini, em Belo Horizonte, no Congresso Internacional da ABRALIC, em 2002. A partir disso, trocamos correspondência por alguns anos e recebi dele, com regularidade, material diverso sobre Osman Lins. Como homenagem e por gratidão, atribuo a ele o papel de portador de *O vale sem sol*. Algo, de qualquer modo, quase certo. E se não for o certo, que o seja agora – em sintonia com o narrador de “A terceira margem do rio”, de Rosa, que atribui ao pai determinado ensinamento, em meio à afirmação: “o que não era o certo, exato; mas, que era mentira por verdade.” (ROSA, 1988). Pois há sempre alguma verdade em cada história.

O mistério em torno da perambulação do texto é também tema desta primeira peça de Osman Lins. Todavia, aqui ele parte do contexto cultural nordestino, no qual o autor se formou. O universo religioso arcaico aparece, de modo literal ou figurado, em toda a obra do autor, desde a parte inicial mais tradicional de seus textos, na qual encontra-se a peça *O vale sem sol*, escrita antes da viagem para a França, que proporcionará ao autor uma guinada na compreensão das formas literárias.

Eventos sobrenaturais são corriqueiros no universo religioso arcaico familiar a todo nordestino, e assim o foi ao jovem talentoso de 33 anos, vindo de Vitória de Santo Antão para Recife. Lembro que ora mais, ora menos diretamente, o maravilhoso se associa a histórias e lendas do cangaço muito frequentes nas narrativas locais. *O vale sem sol*, numa ponta, traz o universo sobrenatural muito presente naquela cultura; na outra ponta, anos mais tarde, *A cabeça levada em triunfo*, sexto romance do autor, inacabado, irá discorrer curiosamente sobre uma lenda que impressionou o autor na infância: a história da cabeça de um cangaceiro que teria sido exposta e negociada na estação de trem

de Palmares. O maravilhoso e o cangaço - temas apreciados pela cultura local. Segundo Rodrigo Carrero, as lendas rurais eram muito marcantes nos “municípios nordestinos habitados por gente simples e crédula, em geral trabalhadores dos engenhos da cana-de-açúcar”, desse modo, “a região virou palco de histórias rústicas e fantásticas, que envolviam entidades sobrenaturais (Comadre Florzinha), tesouros enterrados (as famosas “botijas”) e histórias do cangaço.” (CONTINENTE, julho, 2003, p. 8). Do início ao final da trajetória do escritor, o mundo arcaico nordestino com sua magia e sua brutalidade foi material indispensável.

Na trajetória de Osman Lins, 1957 é o ano de publicação do livro de contos, muito bem acolhido por leitores e crítica, intitulado *Os gestos*, e do “Destaque Especial no Concurso Tônia-Celi-Autran” para sua primeira peça, *O vale sem sol*. A atmosfera é favorável e promissora ao autor, estabelecido agora em Recife e com uma situação financeira estável, como funcionário do Banco do Brasil. Casado com a primeira esposa, Maria do Carmo, já tinha as três filhas Letícia, Litânia e Ângela e o emprego lhe oferecia remuneração satisfatória para a manutenção da família.

Em 1958, acontece a leitura pública de *O vale sem sol* e a peça para por aqui. Com poucas situações de aparição a leitores, atores, encenadores e público, sem nunca ter sido encenada de fato, qualquer brilho seu desaparece da vista de todos. Ao vir à luz, no presente atual, contribui de modo expressivo para seu estudo, uma vez que antecipa temas frequentes na parte mais consagrada e conhecida de sua obra, anunciando o olhar particular, sensível e meticuloso sobre os indivíduos, além do aproveitamento do universo cultural que marca sua formação e sempre o acompanhará, como foi dito.

O vale sem sol se divide em três atos, seguindo a estrutura tradicional de exposição, apresentação do conflito, peripécia, clímax e desfecho. Seu assunto gira em torno da troca de almas dos protagonistas, os irmãos Jeremias e Jônatas e o tema do duplo, muito expressivo nos textos narrativos posteriores de Osman Lins (como a duplicidade de Cecília ou as personagens Hermenilda e Hermelinda, em *Avalovara*, o Espantalho e o Professor, em *A rainha dos cárceres da Grécia*, entre outros), é aqui elemento estruturante do próprio conflito dramático. Se a troca das almas de fato aconteceu ou se é mera fantasia das personagens para justificarem atitudes condenáveis, em termos morais,

no contexto em que se encontram, a ambiguidade e a nebulosidade em relação ao tema é o que suscita o estatuto de literatura ao drama, uma vez que a arte não vem responder, mas promover reflexões. A duplicidade em torno do assunto associa-se à ambiguidade, ao lusco-fusco, à presença das trevas no vale (ou na vida) onde deveria luzir o sol. Algo impreciso, incerto, e ao mesmo tempo barroco, como adiante comentarei.

O drama mostra a história de Jeremias e Jônatas, irmãos da jovem Iluminata, possuidora de dons sobrenaturais. A moça ouve vozes e realiza milagres, sendo reconhecida naquele meio como santa. Iluminata será justamente a responsável pela realização extraordinária da troca de almas de Jeremias e Jônatas, no final do primeiro ato. Além de os três irmãos, atuam nas cenas: Brígida - a agregada, Maria - a noiva de Jeremias, e Esmeralda - uma amiga da família.

A primeira cena é um diálogo entre Brígida e Esmeralda acerca do milagre de cura de um menino condenado à morte, realizado por Iluminata. Desde a abertura, Brígida é apresentada como pessoa perturbada pelo desejo o qual é forçada a conter. Esse é o dia do noivado de Jeremias e Maria, jovem da região. O noivo é rapaz de discurso conservador, machista e moralista, assíduo frequentador da igreja local, defende que o casamento seja algo essencialmente para procriação. Sua noiva ingênua, cheia de sonhos e desejo, é vista pelo noivo, nesse prisma, apenas como fêmea apta a parir.

Jônatas, ao contrário, não frequenta igreja, mesmo tendo uma relação sincera e pessoal com o sagrado, quer se casar apenas por amor, o que ainda não aconteceu, por isso permanece idealista, volúvel e só. Conforme o diálogo avança, sabemos que no passado teve um romance com Brígida, contudo não se apaixonou. A jovem agregada mora com a família que a acolheu desde criança, quando ficou órfã. Sua personagem lembra as mulheres amarguradas de Federico Garcia Lorca, dramaturgo espanhol, da época de Franco, mencionado por Lins, entre outras ocasiões, em “O escritor e o teatro” (LINS, 1974, p. 92). Lorca se valeu fortemente do material popular para construir fortes críticas às estruturas profundas ao governo, ao sistema e aos falsos moralismos, e foi uma entre tantas fontes de inspiração do autor, como consta no ensaio citado. Osman Lins seguiu uma linha muito parecida com a do espanhol, no que se refere à apropriação do material popular e ao viés crítico que adota. Ao final da leitura de *O vale sem sol*, a

opressão que os indivíduos sofrem dentro dessa estrutura moral rígida é muito semelhante àquela que atinge as personagens de Garcia Lorca.

Com exceção de Iluminata, a milagreira, os jovens da peça são movidos e marcados pelo desejo sexual, visivelmente reprimido pelo discurso religioso moralista arcaico do catolicismo que impera entre eles. Para administrar, contornar e sublimar o desejo, condenado na cultura em que se inserem, recorrem ao imaginário, às narrativas religiosas, às crenças e aos mitos. A partir disso, ao revelar o que há de mais profundo no ser humano em geral, o texto ganha força.

Brígida não consegue esquecer Jônatas, deseja-o com ansiedade e sofre por ele, o rapaz não quer mais nada com ela, pois busca alguém a quem possa amar verdadeiramente. Inconformada com a rejeição, arma um plano maravilhoso para tê-lo de volta. Aproveita-se do respeito que os irmãos têm por Iluminata e do desejo confesso da falecida mãe de que os dois fossem unidos para sempre, para propor a troca de almas, por meio da intervenção da irmã santa, com o pretexto de salvar Jônatas da perdição.

A situação se arma de tal modo que Jônatas se vê compelido a aceitar a permuta, pressionado por todos, numa cena tensa, no final do primeiro ato, quando Iluminata supostamente realiza a troca das almas. As personagens de fato acreditam que essa troca aconteceu, mas o que há de mais refinado na percepção das intenções humanas se delineia aqui: a partir desse momento, Jeremias, o rapaz moralista, acreditando que a alma está preservada no corpo do irmão, vai se sentir livre para usufruir de sua sexualidade, reprimida, mas latente, a ponto de desvirginar Maria e passar a ter relações frequentes com a noiva, antes do casamento - mesmo que a prática fosse absolutamente condenável no universo arcaico em que se encontram. Acredita piamente que a alma que está sendo posta a perder é a do irmão - e não a dele. Revela-se, desse modo, um sujeito bastante egoísta, como muitos dos tipos sociais que se apoiam nas aparências, querendo livrar a própria pele do julgamento e condenação. Mesmo que o “milagre” da troca de almas não passe de fruto da imaginação dos seis jovens, a zona nebulosa que envolve os acontecimentos confere força ao drama. O fato de Jeremias acreditar que se livrou da culpa basta para que o pior da humanidade se entreveja em suas ações, algo mítico acerca da vaidade e negação da própria fraqueza. Valendo-se da tradição judaico-cristã, que

enforma a religiosidade da peça osmaniana, sublinho aqui um diálogo com a história de Adão e Eva, do livro do *Gênesis*, na medida em que Adão responde a Deus que a culpa por ele ter provado do fruto proibido não era dele, mas da Eva. Transferindo a culpa para o outro, nesse contexto em que o próprio desejo é visto com o pecado e passagem para a perdição, é possível fazer o que realmente se deseja fazer. Esse é o método de Jeremias.

Jônatas também passará por profundas transformações. Sempre foi livre, reticente em relação à religião, praticante de coisas condenadas pelos puritanos, como não se prender a nenhuma moça, com intenções de casamento, mas, ao acreditar ser o portador da alma do irmão, torna-se responsável por ela e não quer imprimir-lhe pecado algum. Descobre em Esmeralda, a jovem amiga da família, alguém por quem poderia se apaixonar, contudo evita neste momento qualquer contato mais íntimo para não comprometer a alma do irmão (que ele acredita ingenuamente ser um santo). A partir do desdobramento da ação, Jônatas vai descobrir a verdade sobre o caráter de Jeremias e passará a lutar para ter sua verdadeira alma de volta. Chegando ao clímax, nesse ponto, os irmãos de Maria - que eram assassinos, como antes havia sido anunciado de forma ambígua e dispersa, cientes do defloramento da irmã, vêm atrás do autor do crime, Jeremias, para realizar a vingança com as próprias mãos, como era próprio da Lei antiga. O final é trágico, mas igualmente dubio, ambíguo e sombreado.

A última fala da peça, de Jônatas, prenuncia uma transformação:

JÔNATAS - E apesar de tudo, viverei. Sim, viverei. Morre a noite velha, Esmeralda. Já adivinho a manhã próxima. É clara e forte, sinto-a cantar na minha garganta. Minha alma está morta e o meu sangue ainda canta. Oh, mundo! Oh, vida! Oh, alegria! Oh, desesperada vontade de viver!

Mesmo que Jeremias e tudo o que ele representa tenham morrido, Jonatas viverá. O amor, a esperança, o caráter - verdadeiros de fato, mesmo que não condizente com os ditames morais da comunidade, esses viverão.

O tema da troca de almas feita num passe mágico não só revela o imaginário religioso arcaico popular, como também expõe angústias de personagens reprimidas pelo entorno rígido e moralista do qual muitas vezes gostariam de se libertar, salvos por um

deus ex machina qualquer, um milagre, que seja, já que é evento corriqueiro nas narrativas populares. Creem que Iluminata possa realizar algo verdadeiro, indefinível - não muito claro ainda para eles - e libertá-los. Jônatas é a personagem de caráter elevado no texto, o que perdeu a alma, a partir da perspectiva que os envolve, mas de forma inesperada ganhou a vida que sente correr como peixe veloz. A danação e a salvação nele se confundem, marcadas por questionamentos e dúvidas.

Osman Lins não era um escritor religioso, mas que se valeu com frequência do mistério e do sagrado para a construção de inúmeros aspectos da própria poética. A busca pelo paraíso (lapidada em *Avalovara*) é mencionada em mais de uma ocasião ao longo dessa primeira peça.

O paraíso aqui delineado, como foi dito anteriormente, vem ainda carregado do ideário religioso nordestino, em que o autor se formou. A fala final de Jônatas, acima transcrita, entretanto, além de escancarar a ânsia de viver da personagem e sua expectativa por algo novo, pode estar comunicando o desejo de transformação na vida e obra de seu autor. Três anos depois da leitura pública do texto, Osman Lins vai viajar para Paris e conhecer, entre outras coisas, o aperspectivismo da arte medieval, os vitrais, as novas formas de narrar e de se fazer teatro, conforme prenunciava a fala de Jônatas: “Morre a noite velha, Esmeralda. Já adivinho a manhã próxima. É clara e forte, sinto-a cantar na minha garganta”. A moça por quem percebe que pode se apaixonar chama-se Esmeralda, a mais nobre das pedras preciosas, de cor verde, transparente, simbolizando a pureza e a esperança.

Em relação à biografia, sem dúvida o universo sobre o qual qualquer autor se debruça para entender o mundo sempre é sua própria vida: para cada etapa, um conjunto diferente de experiências. Em *O Vale sem sol*, Osman Lins está com 32 ou 33 anos, suas personagens têm entre 23 e 26 anos. Como são idades próximas, ele conhece as experiências comuns e a visão preponderante entre os jovens, no meio que opta por descrever. O tratamento que dá ao tema da sexualidade, do desejo, da proibição em relação à realização do desejo, nessa peça, é singelo se comparado ao que vai fazer posteriormente a partir do mesmo tema, no âmbito da estrutura, em *Avalavara*. Na nova poética do autor, o prazer carnal vai ser uma via de aproximação e acesso ao Paraíso, na

medida em que for se transformado em signos linguísticos - algo platônico, representando a perfeição, por meio da linguagem artística. Em *O Vale sem sol*, o assunto está mais próximo da tradição nordestina de teatro, como aquela usado pelo próprio Ariano Suassuna, que seria professor de Osman Lins, na Escola de Belas Artes de Recife, curso que finaliza em 1960. (IGEL, 1988, p. 12)

O vale sem sol ilumina a compreensão de temas recorrentes no conjunto da obra do autor, como a tensão entre desejo e refreamento, culpa e perdão, espírito e matéria, perdição e salvação, fundamentais ao Barroco. Tudo se aglutina e gira em torno do desejo carnal associado à ideia de culpa e pecado, a forças demoníacas que devem ser combatidas, conforme o discurso religioso do catolicismo que engendrou o Barroco. Além disso, há a presença do mistério associado ao jogo entre luz e sombra: o título *O vale sem sol* ilumina-se, no final da peça, com a manhã que se aproxima. Como lidar com desejo, valores morais e éticos e contradições da alma? Nas obras seguintes do autor, a influência do Barroco será notável, atrelando-se à forma inédita que desenvolve e, na peça inaugural, constitui-se em material essencial na estruturação dos embates.

Vida de santa, dons sobrenaturais, troca de alma, perda da alma, enfrentamento entre irmãos, relação delicada com a mãe são temas que esbarram em mitos encontrados na literatura de todos os tempos, como em Caim e Abel ou Esaú e Jacó, como em *Fausto*, de Goethe, com seu Mefistófeles. Osman Lins extrai da cor local, não apenas elementos da religiosidade cristã arcaico popular, marcada pela herança gótica, consciente ou inconscientemente, como também temas universais que revelam a agudeza de sua visão sobre o ser humano.

Retomo que na segunda fase literária do autor, o sagrado e o mistério serão abordados, muito frequentemente, de forma metalinguística. Um exemplo claro de metalinguagem está na peça *Mistérios das figuras de barro*, publicada em 1975, em *Santa, automóvel e soldado* (LINS, 1975). Nela, aquilo que brota do artista, de suas mãos e mentes, dá a ele o poder de criar mundos, conferindo-lhe o estatuto de demiurgo. Damião Luiz, o ceramista, constrói uma imagem de Santa, da qual se desfaz, mas que será posteriormente encontrada e cultuada pelo povo. A questão em torno do poder da imagem vai atrair atenção e o interesse de políticos. Nada haveria de milagroso ali, não

fosse o fato de o ceramista, diante do mistério que presenciara, afirmar que ele é o milagre maior, sendo fruto dela, uma vez que só existe como artista porque ela existe como produto de sua arte. O artista transita entre a categoria de deus-pai e de deus-filho, ou a de criador e criatura.

Para concluir, volto ao mistério de como *O vale sem sol* veio até mim. Imaginei uma resposta à questão e, segundo a lei da literatura, é justamente por meio da palavra, da narrativa, do imaginário, do mito, que o nada vira o tudo, tornando-se a verdade mais pura: foi um presente do Senhor Lauro de Oliveira. Se a peça permaneceu silenciosa numa gaveta escura, no dia de hoje, sua iluminada aparição no meio dos velhos papéis, ao som de trombetas, ou do relógio de Julius Heckethorn, posicionou-a no cortejo que acompanhava Joana Carolina, alinhavou-a ao Espantalho, de *A rainha*, e teceu-a no tapete da sala onde morreu Abel, para que compusesse a bela tapeçaria de palavras que constitui a obra de Osman Lins.

REFERÊNCIAS

LINS, Osman. *O vale sem sol*, cópia xerocada. s/d.

_____. *Santa, Automóvel e Soldado*. São Paulo: Duas Cidades, 1975.

_____. *Guerra sem testemunhas* – O escritor, sua condição e a realidade social. São Paulo: Ática, 1974.

_____. *Nove, novena*. Rio de Janeiro: Guanabara, 1987.

_____. *Avalovara*. São Paulo: Ática, 1974.

_____. *A rainha dos cárceres da Grécia*. São Paulo: Edições Melhoramentos, 1977.

CARRERO, Rodrigo, “A maldição do experimentalismo” in *Continente Multicultural*, no. 31, julho/2003.

DIAS, Teresa. *Um teatro que conta, a dramaturgia de Osman Lins*. São Paulo: Hucitec Editora, 2011.

IGEL, Regina. Osman Lins. *Uma biografia literária*. São Paulo: T.A Queiroz, 1988.

OLIVEIRA, Lauro de. “Suplemento Cultural” do Diário Oficial do Estado de Pernambuco, Ano XVII, junho de 2003, p.12

ROSA, Guimarães. “A terceira margem do rio” in *Primeiras estórias*: Nova Fronteira, 1988.